

# UMA INTERPRETAÇÃO LATINO-AMERICANA DO BRASIL: VÂNIA BAMBIRRA E SEU LUGAR NA TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA

*Itamá Winicius do Nascimento Silva<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente estudo busca refletir sobre a vida e obra de Vânia Bambirra, uma das maiores intérpretes do Brasil. Conciliando vasta produção teórica com ativa militância política, Bambirra fez parte da chamada Teoria Marxista da Dependência (TMD), junto com Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos. Articulando a realidade brasileira com a latino-americana, ela reuniu qualidades típicas de uma intelectual orgânica, tais como: debate sobre temas candentes de sua época, profundidade na abordagem dos temas, atuação política de viés socialista e o gosto pela frutífera polêmica. Tudo isso foi possível realizar num ambiente dominado, hegemonicamente, por homens. É reconhecendo a representatividade feminina de Bambirra que visou analisar seu papel na TMD, com base em dois tópicos específicos: a) sua interpretação sobre o desenvolvimento capitalista dependente, através das tipologias da dependência; b) sua interpretação sobre a revolução burguesa no Brasil, através do conceito de integração monopólica mundial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Capitalismo dependente. América Latina. Brasil. Vânia Bambirra.

## A LATIN AMERICAN INTERPRETATION OF BRAZIL: VÂNIA BAMBIRRA AND ITS PLACE IN THE MARXIST THEORY OF DEPENDENCE

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais/Licenciatura pela Universidade Federal de Pernambuco, Graduado em História/Licenciatura pelo Grupo Educacional UNINTER, Mestre e Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: itama\_winicius@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1865-5171>.

**ABSTRACT:** This study seeks to reflect on the life and work of Vânia Bambirra, one of the greatest interpreters in Brazil. Combining vast theoretical production with active political militancy, Bambirra was part of the so-called Marxist Theory of Dependence (TMD), together with Ruy Mauro Marini and Theotônio dos Santos. Articulating the Brazilian reality with the Latin American one, she brought together typical qualities of an organic intellectual, such as: debate on burning issues of her time, depth in the approach to themes, political activity with a socialist bias and a taste for fruitful polemics. All this was possible in an environment dominated, hegemonically, by men. And it is recognizing Bambirra's female representation that I aim to analyze her role in TMD, based on two specific topics: a) her interpretation of dependent capitalist development, through dependency typologies; b) its interpretation of the bourgeois revolution, through the concept of world monopoly integration.

**KEYWORDS:** Dependent capitalism. Latin America. Brazil. Vania Bambirra.

## **UNA INTERPRETACIÓN LATINOAMERICANA DE BRASIL: VÂNIA BAMBIRRA Y SU LUGAR EN LA TEORÍA MARXISTA DE LA DEPENDENCIA**

**RESUMEN:** Este estudio busca reflexionar sobre la vida y obra de Vânia Bambirra, una de las más grandes intérpretes de Brasil. Combinando una vasta producción teórica con una militancia política activa, Bambirra formó parte de la llamada Teoría marxista de la dependencia (TMD), junto a Ruy Mauro Marini y Theotônio dos Santos. Articulando la realidad brasileña con la latinoamericana, reunió cualidades típicas de una intelectual orgánica, tales como: debate sobre temas candentes de su tiempo, profundidad en el abordaje de los temas, actividad política con sesgo socialista y gusto por las polémicas fructíferas. . Todo esto fue posible en un entorno dominado, hegemónicamente, por los hombres. Y es reconociendo la representación femenina de Bambirra que me propongo analizar su papel en TMD, a partir de dos temas específicos: a) su interpretación del desarrollo capitalista dependiente, a través de tipologías de dependencia; b) su interpretación de la revolución burguesa, a través del concepto de integración monopolista mundial.

**PALABRAS CLAVE:** Capitalismo dependiente. Latinoamerica. Brasil. Vania Bambirra.

## INTRODUÇÃO

Nesta introdução, tenho como objetivo traçar rapidamente a vida e obra de Vânia Bambirra, assim como o contexto histórico de sua produção intelectual. Antes de analisarmos aspectos centrais de sua interpretação sobre o Brasil, vale a pena retratar sua relevância para o pensamento social brasileiro e latino-americano. Brasileiro e latino-americano porque, como poucas, ela foi capaz de articular as duas realidades que, historicamente, foram pouco associadas dentro do cânone das Ciências Sociais no país. E por falar em cânone, junto com seus principais parceiros de produção teórica e militância política, como Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos, Bambirra foi excluída do panteão dos clássicos do pensamento social brasileiro; então um reduto composto por seletos autores, majoritariamente homens e brancos. Este seletto reduto não comporta produções como a de Guerreiro Ramos, um dos primeiros cientistas sociais negros, assim como também não abarca Lélia Gonzalez, outra expressiva intelectual negra com vasta produção teórica. Bambirra e seus colegas da TMD se juntam a este grupo excluído e secundarizado por uma narrativa que vem dando espaço especial para autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Celso Furtado, entre outros.

Na análise aqui empreendida, busca-se dar a importância e relevância merecida a Bambirra, então uma das formuladoras da Teoria da Dependência, uma interpretação não dogmática do marxismo que buscou investigar os processos de reprodução do subdesenvolvimento na periferia do capitalismo. Sobre a Teoria da Dependência, pode-se dizer o seguinte:

O termo Teoria da Dependência designa uma extensa, diversificada e original produção teórica nas Ciências Sociais latino americana, principalmente nas décadas de 1960 e 1970. Essa produção foi realizada por uma jovem geração de intelectuais acadêmicos, vindos de países sul-americanos, em especial Argentina e Brasil. E que confluíram naquele período para a cidade de Santiago (Chile). (...) indagaram como as condições externas (países “centrais” ou

imperialistas) expressavam-se nas relações sociais de produção, nas instituições políticas e na produção cultural dos países latino americanos, produzindo nessa região a subordinação política e o subdesenvolvimento (SILVA & COSTA, 2018, p. 15).

A confluência de brasileiros como Bambilra, Marini e Dos Santos em Santiago do Chile teve uma razão: o golpe civil-militar de 1964, responsável pela queda de João Goulart e ascensão dos militares ao poder. Bambilra viveu os antecedentes e os acontecimentos posteriores ao golpe, sendo uma de suas vítimas. Sua estadia em Santiago foi fruto de um duro exílio, imposto pelos militares brasileiros. A imposição era justificada por Bambilra ser, além de uma intelectual marxista, uma militante política da então Organização Revolucionária Marxista Política-Operária (ORM-POLOP). A POLOP foi uma organização fundada em 1961 que, à esquerda do Partido Comunista Brasileiro (PCB), propunha uma imediata revolução socialista no Brasil, contrariando as teses etapistas dos pecebistas. Bambilra ajudou a fundar e foi ativa militante da POLOP, apenas se distanciando da organização após o golpe de 1964 que a obrigou rumar para o exílio.

Sobre as teses da POLOP, podemos resumi-las no seguinte trecho que faz parte das resoluções do segundo congresso da organização, realizado em 1963:

Considera esta que as condições objetivas do país exigem a denúncia da política de colaboração de classes, preconizada pelos reformistas e nacionalistas, que atrela os trabalhadores ao carro da burguesia, submete-os sem defesa à opressão do Estado latifundiário-burguês e impede que o Brasil se liberte do jugo imperialista. Como alternativa a essa orientação, que não corresponde aos interesses do proletariado, Política Operária propõe a formação de uma Frente dos Trabalhadores da Cidade e do Campo, que congregue as classes exploradas de todo o país (MIRANDA; FALCÓN, 2010, p. 33).

Com base nesta tese, a POLOP se diferenciou do PCB e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) ao não enxergar a existência de uma burguesia nacional progressista, opositora dos interesses imperialistas. Pelo contrário, a POLOP enquanto organização política, foi berço de um conjunto de autores que passaram a elaborar teses e análises, colocando a burguesia brasileira como parte associada ao capital estrangeiro. O golpe civil-militar de 1964, que obteve maciço apoio das classes dominantes locais, foi um exemplo histórico que veio confirmar as teses polopistas e de seus intelectuais. A POLOP foi primordial para a formação de uma geração de intelectuais que vieram romper drasticamente com a herança pecebista, cepalina e isebiana, já que todas, cada uma à sua maneira, acreditavam na existência de uma burguesia nacional progressista e anti-imperialista. Bambirra foi uma dessas figuras. Sobre o papel das teses polopistas sobre essa nova intelectualidade que surgiu em meados dos anos 1960, afirma Mattos:

Nas suas múltiplas interpretações, a ideia de um desenvolvimento capitalista dependente – em que o latifúndio e indústria surgiam imbricadas e a burguesia havia optado pela associação com os monopólios imperialistas – embalou as críticas ao reformismo pecebista e às teses dualistas sobre o subdesenvolvimento brasileiro, nos textos programáticos de muitos dos agrupamentos de esquerda surgidos entre fins dos anos 60 e inícios da década de 70, bem como nas diversas análises acadêmicas sobre o tema do “populismo” no Brasil, o golpe de 1964 e as políticas econômicas anteriores e posteriores à instalação da ditadura (MATTOS, 2007, p. 222).

As teses polopistas ajudaram Bambirra na análise do Brasil e da América Latina como territórios em que suas burguesias estavam associadas aos interesses imperialistas, sendo necessária a formação de uma tática e estratégia revolucionária de cunho socialista que evitasse caminhar pela crença de uma burguesia nacional preocupada com o desenvolvimento interno. Foi tendo essas teses como aporte teórico e

político que Bamberger, no âmbito do Centro de Estudos Socioeconômicos (CESO) da Universidade do Chile, desenvolveu sua principal obra: trata-se do livro *Capitalismo Dependente Latino-Americano*, no qual podemos encontrar as tipologias da dependência e a ideia de integração monopólica mundial, conceitos centrais neste trabalho e que demarcam bem o espaço de Bamberger na TMD.

Acima foi discutida a noção geral da Teoria da Dependência. Entretanto, a Teoria da Dependência não é um campo homogêneo, como bem demonstra Santiago (2017). Neste campo de vertentes e disputas teóricas/políticas, Bamberger fez parte e ajudou a construir a Teoria Marxista da Dependência. Sobre essa vertente específica, podemos afirmar o seguinte:

Forjada no calor da luta de classes na América Latina dos anos 1960 e 1970 pelos brasileiros Ruy Mauro Marini, Vânia Bamberger e Theotônio dos Santos, a TMD é a síntese do encontro profícuo entre a teoria do valor de Marx e a teoria do imperialismo, esta última, formulada, entre outros, por Lenin. Deste encontro nasceu o veio teórico em que se descobriram categorias originais, para dar conta de explicar processos e tendências específicos no âmbito da totalidade integrada e diferenciada que é o capitalismo mundial. Categorias como superexploração da força de trabalho, transferência de valor, cisão no ciclo do capital, subimperialismo padrão de reprodução do capital e a própria categoria dependência são fruto dessa vigorosa tradição crítica, que além de seus fundadores brasileiros tem entre seus expoentes nomes como Jaime Osorio, Orlando Caputo, Adrián Sotelo Valencia e toda uma nova geração de pesquisadores que procuram dar continuidade ao programa de investigação da TMD no presente (LUCE, 2018, p. 9-10).

Segundo Bresser-Pereira (2010), existem três interpretações da dependência. São elas: a) interpretação nacional-dependente, representada pelos intelectuais vinculados à Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e o Instituto Superior de Estudos

Brasileiros (ISEB); b) interpretação da dependência associada, representada por intelectuais ligados à Escola de Sociologia de São Paulo; c) e, por fim, a interpretação da super-exploração capitalista, representada por intelectuais ligados à Universidade de Brasília (UnB). Bambirra compõe a terceira interpretação, chamada de “super-exploração capitalista”, tendo em vista a importância do conceito deste mesmo nome desenvolvido por Marini e que teve extrema importância no desenvolvimento desta perspectiva da dependência. Sobre a UnB, onde Bambirra obteve seu título de mestra sob orientação de Marini, ambiente intelectual desta interpretação, podemos assim descrevê-lo:

Sua organização estava baseada em departamentos e institutos, ao invés da cátedra e da faculdade, próprias da universidade tradicional; o projeto pedagógico privilegiava o trabalho docente em equipe, a relação ensino-pesquisa e dava estímulo à realização de cursos livres, debates e seminários e à abertura de cursos de pós-graduação. Sua concepção da relação universidade-sociedade, que a levava a abrir-se ao exterior, promovendo cursos de extensão e, inclusive, de formação profissional e capacitação sindical, constituía outro diferencial da instituição, que abrigava intelectuais comprometidos em compreender e projetar as transformações que o país sofria naquela metade de século (WASSERMAN, 2017, p. 32).

Por conta de diversos fatores como a construção acadêmica no exterior (graças ao exílio ainda no início de sua trajetória intelectual) e sua difícil inserção na academia durante o processo de Redemocratização do país, Bambirra (e os outros autores da chamada TMD) não é comumente inserida entre os chamados “intérpretes do Brasil”. Apesar de elaborar diagnósticos e projetos para o país, relacionando sua história como parte integrante da realidade latino-americana, ela não conseguiu entrar nesse grupo seletivo de intérpretes. Esse intérprete pode ser definido como um intelectual envolvido politicamente, desenvolvendo com isso diagnósticos e interpretações sobre a história de seu povo. Ou melhor, “os intérpretes

do Brasil valorizam o espaço da experiência brasileira, o que o Brasil já foi e ainda é, ora valorizam o horizonte de espera, o que o Brasil quer ser e ainda não é” (REIS, 2000, p. 15 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 23). Segundo Wasserman (2017), o grupo de Brasília do qual Bambilra fez parte permaneceu na sombra, assim como outros círculos de leituras em vários estados periféricos do país, enquanto o grupo chamado por ela de “uspiano” conseguiu construir uma hegemonia mesmo não sendo o único a se reunir com o propósito de estudar e refletir sobre as obras de Marx. Esse grupo foi organizado inicialmente por José Arthur Giannotti e reuniu teóricos como Fernando Henrique Cardoso (FHC), Octávio Ianni, Francisco Weffort, entre outros.

Apesar dessa invisibilidade, Bambilra tratou de temas candentes de sua época. Sua dissertação de mestrado, defendida em 1963, abordou uma temática efervescente nos anos 1960: a questão agrária, central para os movimentos sociais do período e que chegou a ser o carro chefe das Reformas de Base propostas pelo Governo Jango. Também foi responsável por uma das primeiras análises sobre a Revolução Cubana, defendendo o processo visto na ilha como um exemplo a ser seguido pelos demais países latino-americanos. Na nota prévia feita na obra em que trata do caso cubano, ela dedica a produção à “geração revolucionária dos anos sessenta, quer dizer todos aqueles que, com base no exemplo estimulante da Revolução Cubana, procuraram mudar a face explorada do continente” (BAMBIRRA, 1975, p. 41). Além de Cuba, produziu teoricamente sobre o marxismo e discutiu a transição e a prática socialista, analisando com detalhes as formulações de Karl Marx, Friedrich Engels e Vladimir Lênin sobre o tema (BAMBIRRA, 1993). Intelectual crítica e amiga da boa polêmica, Bambilra não hesitou em criticar duramente as teses de FHC sobre o desenvolvimento capitalista latino-americano. Também se colocou abertamente crítica às ideias de Francisco Weffort, outro expoente da sociologia uspiana. Com ele, travou um frutífero debate acerca da ideia de “Estado de massas”, base do conceito de populismo. Também se colocou abertamente contrária aos cepalinos, inspirados numa proposta nacional-desenvolvimentista para a região. No seu retorno do exílio, ajudou a fundar o Partido Democrático Trabalhista (PDT), liderado por Leonel Brizola.



No PDT, “Vânia esteve à frente de vários órgãos públicos do estado do Rio de Janeiro, durante o mandato de governador de Leonel Brizola, e desenvolveu atividades diversas, todas relacionadas com a criação de políticas sociais relevantes, baseadas em pesquisas sociológicas, mas que não resultaram em produção textual sistemática” (WASSERMAN, 2017, p. 185).

Por último, debateu sobre o papel da mulher sob uma perspectiva marxista. Sobre o tema, discutido com mais profundidade em Siqueira (2020), Bambirra sempre se colocou preocupada em alertar sobre as limitações da visão pequeno-burguesa e liberais burguesas, presentes no movimento feminista. Seu foco foi buscar unir o problema da exploração do trabalho feminino com a crítica ao modo de produção capitalista, base desta exploração. Segundo ela:

La lucha por la liberación de la mujer es una lucha política y revolucionaria, que por ser una lucha en contra del sistema capitalista, que mantiene y necesita de la opresión de la mujer, está inserta en el contexto de la lucha de clases y tiene que ser dirigida por la clase obrera, a través de sus partidos y organizaciones de vanguardia. (...) Las mujeres obreras y trabajadoras tienen un doble motivo para ser revolucionarias, pues además de la explotación de clases están sometidas a la explotación en cuanto mujeres. La teoría cuando penetra en las masas se torna fuerza material. Hay que divulgar la concepción marxista sobre la mujer. Hay que romper definitivamente los prejuicios que existen aún entre amplios sectores de la temática, hay que mostrarles que el mantenimiento de una actitud machista y que lleva a ridiculizar y a rechazar el enfrentamiento de los problemas de las mujeres, es objetivamente una actitud de defensa de los valores burgueses y contrarrevolucionarios. (BAMBIRRA, 1972, p. 15).

Ainda sobre a temática, Bambirra participou, em 1985, do Encontro da Frente de Mulheres, realizado em Havana, capital cubana. Segundo a mesma: “O encontro foi dividido em várias comissões temáticas, a maioria

relacionadas à participação feminina na sociedade. Havia uma porém, sobre a situação econômica do continente, e foi nessa que me escrevi junto com a amiga Heleieth Saffioti, pois já andávamos saturadas dos ‘temas tipicamente femininos’” (BAMBIRRA, 1991, p. 79). Este relato mostra as convergências teóricas entre Bambirra e Saffioti, duas grandes intérpretes do Brasil, exemplificando uma influente perspectiva feminista que tinha no marxismo sua referência.

Apesar de tudo que foi discutido nesta introdução, a obra de Bambirra permanece pouco conhecida no Brasil. A maior parte de suas obras ainda estão em língua espanhola, tendo em vista sua produção no Chile e no México. Por aqui, junto com seus companheiros de TMD, Bambirra permanece uma autora esquecida e tratada de forma secundária nos trabalhos existentes sobre a TMD. Visando mostrar seu espaço dentro desta perspectiva, viso nos dois tópicos seguintes analisar conceitos-chaves desta grande intérprete do Brasil. Trata-se dos conceitos de integração monopólica mundial, importante nas reflexões acerca da possibilidade (ou não) de uma revolução burguesa no país e região, e as tipologias da dependência; necessária na interpretação de Bambirra sobre o desenvolvimento capitalista latino-americano e brasileiro. O foco principal da análise será a obra *O Capitalismo Dependente Latino-Americano*, considerada obra-prima desta autora e na qual podemos encontrar com detalhes os dois conceitos em discussão.

## **AS TIPOLOGIAS DA DEPENDÊNCIA COMO INOVAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA**

Antes de tudo, vale salientar que diferente de diversos intérpretes do Brasil, Bambirra teve a capacidade de integrar nossa história ao contexto geral da região. Sendo assim, ideias como as tipologias da dependência fazem parte deste projeto em articular nosso país aos vizinhos latino-americanos, exercício pouco realizado em autores tidos como parte integrante do cânone das Ciências Sociais. Em Bambirra o Brasil faz parte da América Latina, sendo mais um país latino-americano marcado por um capitalismo de tipo dependente. Desta forma, as tipologias da dependência

são consideradas uma expressiva inovação teórico-metodológica, realizada por Bambilra dentro da TMD. Ao encarar o capitalismo dependente latino-americano, em obra com este mesmo nome, Bambilra encontra uma heterogeneidade dentro de um processo único que une os países da região. Assim ela expressa esta visão descrita acima:

O capitalismo na América Latina se desenvolveu dentro do contexto da expansão e evolução do capitalismo mundial. Em função disso, assumiu formas específicas que, sem negar as leis gerais do movimento do sistema, configuraram no continente tipos específicos de capitalismo dependente, cujo caráter e modo de funcionamento estão intrinsecamente conectados à dinâmica que assume historicamente o capitalismo nos países centrais (BAMBIRRA, 2019, p. 33).

Diante do fracasso cepalino, Bambilra buscou desenvolver uma análise que desse conta das especificidades da generalidade. Ou seja, seu objetivo inovador foi buscar construir tipos de estruturas dependentes. Ela visou, ao analisar o desenvolvimento capitalista particular de cada país, entender as transformações na região decorrente do pós-guerra. Era uma preocupação válida, tendo em vista a constatação de que o capitalismo havia se desenvolvido de diferentes formas na América Latina. Existia um maior ou menor desenvolvimento capitalista na região, sendo necessário a criação de uma tipologia que desse conta dessas visíveis diferenças. Tentando justificar a criação dessa nova forma de enxergar os países latino-americanos, afirmou Bambilra:

Visando a esclarecer um pouco mais essa concepção metodológica, poderíamos dizer, por exemplo, que no século XIX os países latino-americanos não poderiam ter deixado de ser fundamentalmente exportadores. Mas dentro desses marcos gerais, alguns países obtiveram a independência antes que outros, instalaram regimes políticos diferentes – como a República ou o Império, como no caso do Brasil –, e alguns já começaram a criar indústrias no final do século XIX, enquanto outros não o

fizeram. Tais eram as possibilidades estruturais que foram se concretizando, permitidas pelo marco geral da dependência (BAMBIRRA, 2019, p. 41).

As tipologias da dependência, ao tentar investigar as variadas estruturas dependentes, desembocou na conclusão de que existiam tipos específicos de capitalismo dependente. Ou seja, o capitalismo dependente tem similitudes e dissimilitudes a serem consideradas e expostas. Mas como Bambilra conseguiu chegar na formação deste conceito? Ela o desenvolveu ao analisar o processo de industrialização dos países latino-americanos. Na realização desta análise, “Os países são divididos em três tipos (A, B e C), a partir dos quais se estabelecem as “condições que permitem a industrialização” em cada caso e as contradições inerentes a cada um dos “tipos”” (WASSERMAN, 2017, p. 124). Dentro desses três tipos, A e B fazem parte do foco de sua investigação, porque os dois conseguem se inserir dentro das duas estruturas dependentes identificadas por Bambilra. São elas: a) Estruturas diversificadas, típicas dos países do tipo A, caracterizada por uma industrialização prévia apesar do predomínio do setor agrário-exportador; b) Estruturas primário-exportadoras, típicas dos países do tipo B, caracterizada pela hegemonia do setor agroexportador e que só veio conhecer o processo de industrialização no período pós-guerra.

E os países de tipo C? Esses países, por conta de sua diversidade, não foram tratados como o foco da análise feita por Bambilra. É por isso que, apesar de citarmos sua presença acima, o foco será na análise depreendida aos países de tipo A e B. Bambilra assim se justifica, sobre a ausência de aprofundamento analítico sobre os países de tipo C:

Seria possível distinguir um terceiro tipo de países com estrutura agrário-exportadora sem diversificação industrial (tipo C), que incluiria o Paraguai, o Haiti e, talvez, o Panamá. No entanto, dada a especificidade da evolução histórica de cada um desses países e frente a ausência de denominadores comuns – salvo por formarem parte de um mesmo sistema de dominação –, possivelmente sua classificação dentro

de um mesmo tipo não nos conduziria a uma maior compreensão do caráter de suas estruturas dependentes, sendo preferível realizar diretamente o estudo de cada um desses tipos separadamente (BAMBIRRA, 2019, p. 60).

Justificada a ausência de análise sobre os países de tipo C, visto desenvolver a caracterização dos países de tipo A e B, identificando a posição do Brasil. Os países de tipo A são aqueles onde Bambirra encontrou um prévio desenvolvimento industrial. Ou seja, foram países que em menor ou maior proporção desenvolveram uma indústria antes do período do pós-guerra. Segundo Bambirra, “os países que já tinham começado a industrialização antes do pós-guerra são: Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e Colômbia. Desses países, a Argentina e o México, desde o fim do século XIX, já tinham um significativo setor industrial” (BAMBIRRA, 2019, p. 56). Os países de tipo A, também chamados de países com antigo início de industrialização, foram o grupo de nações que tiveram um maior desenvolvimento capitalista na região; desenvolvendo uma burguesia nacional a ser analisada com mais atenção no tópico seguinte.

Já entre os países de tipo B, também chamados de países cuja industrialização foi produto da integração monopólica, Bambirra cita nações como Peru, Venezuela, Equador, Costa Rica, Guatemala, Bolívia, El Salvador, Panamá, Nicarágua, Honduras e República Dominicana. Cuba também faz parte deste grupo de países, entretanto, seu processo de industrialização se diferenciou dos demais por ter sido conduzido numa economia socialista planejada, não se atrelando à integração monopólica mundial.

Como podemos perceber, o Brasil faz parte dos países de tipo A, conseguindo em sua formação um prévio desenvolvimento industrial. Sobre seu país, Bambirra afirma que “os primeiros germes industrializantes de maior significado também ocorrem nas últimas décadas do século XIX” (BAMBIRRA, 2019, p. 57). A partir da criação dessa tipologia da dependência, podemos localizar melhor a posição do Brasil na análise de Bambirra. Como um país integrante do tipo A, o Brasil teve seu processo

de industrialização impulsionado pela substituição das importações. O contexto histórico desta substituição, foi assim descrito pela autora:

Em especial, os momentos em que a economia mundial teve que se rearticular – seja em função da guerra europeia entre 1914 e 1918, seja em função da crise econômica, em particular aquela iniciada em 1929 – suscitaram circunstâncias favoráveis para a intensificação de tal processo. A impossibilidade de seguir importando produtos manufaturados nesses momentos gerou uma demanda insatisfeita por parte de certos setores de algumas das sociedades dependentes (BAMBIRRA, 2019, p. 63-4).

Mas o desenvolvimento industrial brasileiro proporcionado por essa substituição de importações só foi possível graças a duas condições particulares: a) um mercado interno já estruturado; b) um setor industrial nascente e organizado com base em relações capitalistas. Os dois pontos já se encontravam no Brasil em maior ou menor escala, como bem observa Bambirra. Cumprindo o mesmo papel da pecuária argentina/uruguaia, da mineração mexicana e do salitre chileno, o Brasil viu esses pontos serem desenvolvidos através do setor cafeeiro. Segundo ela, “o setor cafeeiro, em São Paulo especialmente, a partir da abolição da escravidão se desenvolveu fundamentalmente apoiado no trabalho assalariado, apesar da sua coexistência com outras formas de exploração do trabalho, como a parceria” (BAMBIRRA, 2019, p. 65). Essa coexistência entre diferentes formas de exploração do trabalho é uma das principais marcas do capitalismo dependente latino-americano, repercutindo, conseqüentemente, no Brasil.

Bambirra destaca que o processo de industrialização facilitado por esse contexto histórico e por essas condições particulares também repercutiu no campo, onde os camponeses passaram por um intenso processo de proletarianização. Talvez isso explique a intensa mecanização da produção agrária no Brasil, vista em meados do século XX. Mecanização essa atrelada ao desenvolvimento industrial urbano, proporcionando uma mudança social, política e econômica significativa no país a partir de 1930. Em suma, podemos perceber não só a inovação teórico-metodológica

de Bamberger na criação da tipologia da dependência, como também foi possível mostrar a capacidade dela em articular a formação nacional com uma perspectiva latino-americanista. Acredito que esta perspectiva, interligando aspectos nacionais e regionais, e tendo a noção de capitalismo dependente como base, enriquece e inova a interpretação sobre o desenvolvimento capitalista brasileiro. No próximo tópico, visou discutir sobre outro importante conceito de Bamberger, o de integração monopólica mundial, apontando suas consequências econômicas e políticas.

### **A RELEVÂNCIA DA INTEGRAÇÃO MONOPÓLICA MUNDIAL**

Outro importante conceito desenvolvido por Bamberger é o de integração monopólica mundial. Totalmente vinculado às tipologias da dependência expostas acima, a integração monopólica mundial ajuda a entender as mudanças no capitalismo dependente latino-americano no período pós-guerra, colocando as razões da ausência de uma revolução burguesa na região e no Brasil. Também ajuda a iluminar os golpes militares que a região sofreu nos anos 1960 e 1970, em particular o golpe civil-militar de 1964, visto no Brasil. A integração monopólica mundial foi, segundo Bamberger, uma nova fase do sistema capitalista que colocava os Estados Unidos (EUA) como a definitiva potência econômica, política e militar. Se antes da Segunda Guerra Mundial os norte-americanos dividiam o controle do capitalismo com outras nações, como a França e a Grã-Bretanha, a partir de 1945 eles finalmente conquistam a hegemonia sobre este sistema. Tal hegemonia foi conquistada a nível global, por intermédio da ação de suas multinacionais nas variadas regiões do mundo, e representou uma nova configuração na América Latina. Sobre as razões que levaram os EUA a assumir esse posto, a autora afirma que isso ocorreu “devido à dinâmica provocada pela demanda por produtos bélicos, além da grande recuperação e expansão do comércio mundial (para fins propriamente militares e de abastecimento), sem que os Estados Unidos tivessem que sofrer os efeitos da guerra em seu próprio território” (BAMBERGER, 2019, p. 121-22).

Essa hegemonia foi conquistada graças a fatores como o tecnológico, permitindo que os EUA concentrassem em suas empresas e governos os principais avanços tecnológicos do período; o científico, aliado ao tecnológico, permitiu que o país concentrasse um expressivo número de cientistas em seu território; e, por último, um fator produtivo causado pelo desenvolvimento tecnológico e científico de sua sociedade. Segundo a autora, esse fator produtivo foi observado na medida em que ocorre “o controle e domínio, por parte do capital estrangeiro, dos novos setores e ramos produtivos industriais, que desde então começam a se desenvolver” (BAMBIRRA, 2019, p. 126). E quais seriam as consequências dessa nova configuração do capitalismo? Segundo Bambirra:

Foi baseado na hegemonia da superpotência estadunidense que o desenvolvimento do sistema capitalista plano mundial encontrou as condições para consolidar todo o processo de integração empresarial, comercial, financeira, política, militar e cultural (facilitada pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento dos diversos meios de comunicação), o que se deu através da proliferação de empresas “multinacionais” que se instalaram em todos os países capitalistas, através dos acordos regionais de comércio, através da criação de sistemas financeiros internacionais, ou através da criação de instituições e organismos de coordenação de decisões políticas e militares (BAMBIRRA, 2019, p. 123).

É evidente que esse novo cenário repercutiu na América Latina e no Brasil. Já tendo o controle hegemônico sobre o mercado e matérias-primas, a ação imperialista sob direção norte-americana passa a atuar de forma intensa no setor industrial manufatureiro, então o setor mais dinâmico das economias dependentes. As principais consequências desta nova atuação foram: a) controle estrangeiro, em particular norte-americano, sobre os novos setores da economia dependente; b) instalação sistemática das grandes empresas estrangeiras nos países dependentes, desenvolvendo uma absorção de empresas nacionais, concentrando e monopolizando a economia latino-americana; c) desnacionalização dos meios de produção,



até aquele instante controlados majoritariamente pelo empresariado nacional; d) integração entre as classes dominantes internacionais com a local, sendo esta última uma associada dos negócios da primeira. Essa última consequência, relativa às classes dominantes locais e à sua nova relação com o imperialismo, merece uma maior atenção, pois é a partir dela que Bambirra desacredita na possibilidade histórica de uma revolução burguesa na América Latina e no Brasil aos moldes europeus.

Também é neste último ponto que podemos enxergar as ligações de Bambirra com as teses polopistas, vistas com mais atenção na introdução deste trabalho. Assim como seus colegas de TMD, ela integrou um grupo de intelectuais que não enxergavam positivamente a perspectiva que colocava a burguesia nacional como classe responsável pela condução de uma revolução democrático-burguesa, almejando o enfraquecimento do latifúndio e o combate aos interesses imperialistas. Tal perspectiva, defendida pelos teóricos vinculados ao PCB, foi bastante afetada após o golpe civil-militar de 1964, que evidenciou as íntimas relações entre imperialismo e classe dominante local. Esta última, como sabemos, aderiu quase que totalmente à ofensiva golpista, colocando o país na rota dos interesses dos EUA. Sobre a possibilidade de utilizar o conceito de integração monopólica mundial na análise do golpe civil-militar de 1964 no Brasil, recorremos ao artigo de Silva (2021), que mostra a relevância dessa conceituação na análise sócio-histórica do país. Segundo o autor, a “integração entre capital estrangeiro e nacional proporcionou um rígido controle dos EUA sobre a economia brasileira, facilitando sua influência e participação nos acontecimentos políticos do país” (SILVA, 2021, p. 41).

Desta forma, o golpe civil-militar foi produto de uma nova configuração do capitalismo brasileiro em que as classes dominantes locais, alinhada aos interesses estrangeiros, decidiu pelo combate ao avanço das Reformas de Base que levariam a um desenvolvimento autônomo do país. Isso ocorre porque, como bem observou Bambirra, o setor industrial nos países dependentes como o Brasil já nascem atrelados ao antigo setor agroexportador. Foram justamente as divisas excedentes do setor agroexportador que permitiram novos investimentos, ocasionando no desenvolvimento industrial. Logo, “a burguesia industrial latino-americana

já nasce limitada e comprometida com as classes dominantes oligárquicas, não apenas porque o desenvolvimento da indústria ocorre no seio do sistema oligárquico [...]. Mas também porque, em grande medida, o surgimento dos empresários industriais é produto da simbiose de setores da oligarquia com setores industriais” (BAMBIRRA, 2019, p. 80). O surto industrial nos países dependentes, incluindo o Brasil, até chegou a formar setores da burguesia nacional preocupados em desenvolver um projeto nacional de desenvolvimento. Essa tentativa foi vista no Brasil, politicamente, através da Era Vargas, que representou essa classe dominante local nacionalista. Entretanto, os passos dados neste período, visando um desenvolvimento capitalista autônomo, sempre estiveram no que Bambirra cunhou de “dominação burguesa-oligárquica”, onde a burguesia alcançou o posto de classe social dirigente, mas dentro de uma “hegemonia comprometida”.

É neste momento que Bambirra integra o Brasil com os demais países latino-americanos, fato que acredito ser seu mérito, pois a Era Vargas iniciada em 1930 foi parte integrante de um conjunto de acontecimentos que também foram vistos nos demais países da região. Neste mesmo período, cada um a seu modo, os países do tipo A construíram experiências políticas que buscaram caminhar para um desenvolvimento capitalista autônomo. As estruturas do Estado desenvolvimentistas foram lançadas por figuras políticas como Getúlio Vargas (Brasil), Juan Perón (Argentina) e Lázaro Cárdenas (México). Essas três figuras políticas representaram experiências semelhantes em nível regional, sendo “a síntese das características mais destacadas dessa situação de compromisso que configurava o poder burguês-oligárquico: o paternalismo de origem oligárquica e o caráter modernizante da jovem burguesia industrialista” (BAMBIRRA, 2019, p. 95).

Ainda sobre essa jovem burguesia industrialista e suas ligações umbilicais com o setor agroexportador, Bambirra conclui:

A indústria surge impulsionada originalmente pelas próprias leis de movimento que regem o desenvolvimento do setor exportador, mas logo gesta sua própria dinâmica e se torna independente deste setor. No entanto, sua independência é

relativa, pois, embora a indústria tenda, no final das contas, a subordinar o setor exportador, necessita dele como condição de sobrevivência e expansão. Seus limites estão dados, portanto, pela dependência em relação ao funcionamento do setor exportador, que é, em última instância, a dependência em relação ao funcionamento do sistema capitalista mundial em seu conjunto (BAMBIRRA, 2019, p. 77).

Surgindo atrelada aos setores mais atrasados do capitalismo dependente, a burguesia nacional que se forma nesses países de tipo A, como o Brasil, não surge na cena histórica como classe revolucionária aos moldes vistos na Europa. Pelo contrário, desenvolve uma independência relativa que desemboca em experiências políticas limitadas. Diante deste cenário, Bambirra se coloca como opositora da tese de que na América Latina e no Brasil, conseqüentemente, seja possível a existência de uma revolução burguesa, pois esta classe já nasce comprometida com o funcionamento do sistema capitalista mundial em seu conjunto. Ou seja, nasce comprometida em preservar as estruturas dependentes. Diante disso, conclui a autora:

É assim que o curso do desenvolvimento do capitalismo na América Latina passa de uma formação socioeconômica dependente colonial-exportadora para uma formação socioeconômica dependente capitalista-exportadora, até finalmente chegar a uma formação socioeconômica dependente capitalista-industrial. Mas são todas seqüências e formas de superação de um mesmo processo que corresponde à evolução do capitalismo mundial e que redefine constantemente as formas adotadas pelo capitalismo dependente (BAMBIRRA, 2019, p. 78).

Não crendo na perspectiva etapista da revolução socialista, Bambirra se vinculou nos anos 1960 à POLOP e as teses acima discutidas recebem forte influência desta organização política, responsável por reunir o núcleo intelectual do que viria a se tornar a TMD. Em suma, conseguimos perceber a relevância do conceito de integração monopólica

mundial, ideia que torna Bambilra uma expressiva intérprete do Brasil, em particular, ao se debruçar sobre o desenvolvimento econômico do país e sua impossibilidade de construir uma revolução burguesa. São temáticas relevantes no pensamento social brasileiro a serem consideradas e postos à prova. Todo esse debate foi realizado a partir de um significativo exercício que vinculou o Brasil à América Latina, prática pouco usual, como mencionamos anteriormente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao tipificar o desenvolvimento capitalista dependente e desenvolver um conceito que representa a busca pelo entendimento do capitalismo no pós-guerra com suas repercussões na América Latina no geral e no Brasil em particular, Bambilra se credencia como uma intérprete regional e nacional ao mesmo tempo. Uma intérprete fruto do seu tempo, formada no frutífero ambiente da UnB e influenciada pelas teses da POLOP. Em decorrência do exílio, Bambilra desenvolveu-se enquanto intelectual no Chile e posteriormente no México, sendo uma autora ainda pouco conhecida e estudada no Brasil. Entretanto, foi por conta do exílio que ela conseguiu, como poucas, articular as contradições e potencialidades do Brasil com o restante da América Latina. Uma prática pouco usual, mas de extrema relevância, tendo em vista a necessidade de articularmos nosso país aos vizinhos.

Espero que este trabalho consiga trazer novos horizontes de estudo sobre a vida e obra de Vânia Bambilra, sendo possível o entendimento de sua atualidade e também possíveis limitações. O reconhecimento da atualidade ou limitação de Bambilra só será possível através, primeiro, da popularização do seu nome e de sua obra nos círculos acadêmicos. E a esta tarefa que o presente trabalho se preza, visando o reconhecimento e necessidade de aprofundamento desta que foi uma das mais brilhantes intelectuais latino-americana e brasileira. Dentro das limitações do trabalho, busquei traçar rapidamente sua trajetória e aspectos de sua obra na introdução, pontuando o contexto histórico de sua formação e o papel da UnB e POLOP em sua trajetória.

Nos dois tópicos seguintes, busquei analisar com cuidado os dois principais conceitos vistos em sua obra *O capitalismo dependente latino-americano*. Trata-se da tipologia da dependência e a integração monopólica mundial. Dentro desse processo, chamado integração monopólica mundial, vale salientar que os países de tipo A e B sofreram consequências diferenciadas. Por fim, se o primeiro conceito ajuda a entendermos as especificidades dentro de um processo sócio-histórico único, o segundo analisa com êxito uma nova configuração do sistema capitalista e sua repercussão em nível regional e nacional. Repercussão que terá como consequência acontecimentos políticos de grande envergadura em nível nacional, tais como o golpe civil-militar de 1964.

## REFERÊNCIAS

- BAMBIRRA, Vânia. Liberación de la mujer y lucha de clase. *Revista Punto Final*, n. 151, Santiago de Chile, febrero de 1972.
- BAMBIRRA, Vânia. *A Revolução Cubana: uma reinterpretação*. Coimbra: Centelha, 1975.
- BAMBIRRA, Vânia. *Memorial*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1991
- BAMBIRRA, Vânia. *A teoria marxista da transição e a prática socialista*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993.
- BAMBIRRA, Vânia. *O capitalismo dependente latino-americano*. Florianópolis: Insular, 2019.
- BRESSER-PEREIRA, Luís Carlos. As três interpretações da dependência. *Perspectivas*, São Paulo, v. 38, p. 17-48, 2010.
- LUCE, Mathias S. *Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias. Uma visão histórica*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

- MATTOS, Marcelo Badaró. Em busca da revolução socialista: a trajetória da Polop (1961-1967). In: RIDENTI, Marcelo & REIS, Danilo A. (Orgs.). *História do Marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 197-225.
- MIRANDA, Orlando.; FALCÓN, Pery. (Orgs.). *POLOP: uma trajetória de luta pela organização independente da classe operária no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Victor Meyer, 2010.
- SANTIAGO, Ricardo Luiz. *Visões do Capitalismo: conflito e transformação no campo intelectual das teorias da dependência*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2017.
- SILVA, Luis Fernando da & COSTA, Gisele. *Teoria da dependência e América latina*. São Paulo: Sundemann, 2018.
- SILVA, Itamá. W. N. Relações Brasil-EUA durante o Governo Jango: o golpe civil-militar de 1964 na órbita da integração monopólica mundial. *REBELA*, Florianópolis, v. 11, n.1, p. 32-50, jan./abr., 2021.
- SIQUEIRA, Sandra Maria. A análise de Vânia Bambirra acerca da opressão das mulheres latino-americanas. *Germinal: marxismo e educação em debate*, Salvador, v. 12, n. 1, p. 99-113, abr., 2020.
- WASSERMAN, Cláudia. *A teoria da dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

Texto recebido em 14/06/2021 e aprovado em 15/12/2021.